

DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS MATRIZES INTERACIONAIS

DÉFIS ÉPISTÉMOLOGIQUES DES MATRICES INTERACTIONNELLES

Thiago SOARES¹

Universidade Federal de Pernambuco | Brasil

Resumo

Esta Resenha de *Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade* (Edupeb, 2017) analisa como o livro organizado por José Luiz Braga e Regina Calazans aponta caminhos para que o exercício solitário da pesquisa científica possa transformar-se em um compartilhamento de resultados e processos. Os movimentos que dão corpo à obra foram observados empiricamente enquanto processos tentativos da teoria de José Luiz Braga. As experimentações presentes nos processos comunicacionais fazem parte das análises do grupo de nove pesquisadores que integram a obra e observam processos comunicacionais, que são um elemento importante na construção social das estratégias interacionais.

Palavras-chave

Jornalismo; Resenha; Processos Comunicacionais; Estratégias Interacionais.

Résumé

Cet article sur *Matrises interactionnelles: La communication construit la société* (Edupeb, 2017) analyse comment le livre organisé par José Luiz Braga et Regina Calazans indique comment l'exercice solitaire de la recherche scientifique peut se transformer en partage de résultats et de processus. Les mouvements qui donnent corps à l'œuvre ont été observés empiriquement dans le cadre des processus expérimentaux de la théorie de José Luiz Braga. Les essais présents dans les processus de communication font partie de l'analyse du groupe de neuf chercheurs qui intègrent le travail et d'observer les processus communicationnels, élément important dans la construction sociale des stratégies interactionnelles.

Mots-clés:

Journalisme; Article; Processus Communicationnels; Stratégies Interactionnelles.

RECEBIDO EM 24 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2017

¹ JORNALISTA. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2009), com estágio pós-doutoral em Comunicação (UFF-RJ) – 2016-2017. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2003). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Laboratório de Análise de Música e Audiovisual (LAMA). Autor dos livros "Ninguém é Perfeito e a Vida é Assim: A Música Brega em Pernambuco" (2017); "A Estética do Videoclipe" (2014) e "Reflexões Sobre a Comunicação Contemporânea" (2013). Atuou como editor de suplementos no Jornal Folha de Pernambuco (2008-2013). Contato: thikos@gmail.com

A solidão da atividade de realizar pesquisa só parece superada pelos momentos de compartilhamento dos resultados e processos, pela forma coletiva com que pesquisas acadêmicas agem sobre sujeitos, recolocando-os diante do “grau zero” das relações consigo mesmo e com o mundo. Se pensarmos que a solidão da pesquisa é um dever pelo compartilhamento, estamos diante de uma célula do fazer comunicacional: epistemologias, ações, redes, materialidades. Ou, como propõem os doze autores do livro “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**” (Edupeb, 2017), processos comunicacionais que são um elemento importante na construção social das estratégias interacionais. José Luiz Braga (2017) reconhece que

a Comunicação parece ser o processo voltado para reduzir o isolamento e para a ação conjunta entre humanos – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer – admitindo, exatamente porque tentativos, que o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis, geralmente de reduzida qualidade. (BRAGA, 2017, 21)

Dois destacamentos a serem feitos: processos e interações – zonas conceituais que serão adensadas primeiramente nas postulações teóricas desenvolvidas pelo próprio Braga e, mais adiante, pelas modulações dos autores com objetos de diferentes naturezas comunicacionais. Ou na busca pela dinâmica das análises comunicacionais. Mas voltemos à solidão e ao compartilhamento. Pois este livro de 449 páginas resulta da potência do trabalho em rede não obliterando a atividade solitária, detida e séria com que pesquisadores se debruçam sobre formas de operacionalização de conceitos e suas inclinações para olhar fenômenos que testam a validade das postulações teóricas. Este procedimento parece ser a própria metáfora da pesquisa da Comunicação e sobre a Comunicação: tomar processos como objetos e formas de olhar fenômenos.

A obra é uma produção conjunta do Grupo de Pesquisa Dispositivos & Circuitos em Comunicação, com a composição indicada na capa (na ordem dos capítulos). Os trabalhos foram iniciados num Seminário, em outubro de 2012, a partir de procedimentos, então em fase preliminar de elaboração, propostos por José Luiz Braga, coordenador do grupo. Um conjunto de quinze pesquisadores participou dos debates, trazendo suas

propostas de temas para observação empírica, em que o estudo poderia ser usado como tática de abordagem, reflexão e busca de compreensão. Os objetos empíricos, em alguns casos relacionados a pesquisas então em andamento para dissertação de mestrado ou tese de doutorado, foram apresentados em formulação preliminar, com duas ou três páginas. Importante destacar, portanto, como os Encontros (com “E” maiúsculo) são fundamentais nos fazeres de pesquisa. É a partir do desenvolvimento de procedimentos debatidos no seminário que se constroem as bases de investigações em curso e publicadas posteriormente em livro. Pensemos nos laboratórios em que matrizes conceituais serão testadas, experimentadas, debatidas. É a Ciência se construindo não apenas na solidão das ações individuais, mas, sobretudo, nas práticas coletivas e compartilhadas, que dizem sobre aquilo que parece tomado por um senso comum que não visualiza suas contradições: o Social.

Ao se construir coletivamente, diante de procedimentos que, por si só traduzem os devires do Social, “Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade” destaca como as estratégias interacionais são um elemento importante na construção social, comunicacionalmente elaboradas para fazer coisas em comum (ou em disputa organizada) – que acabam gerando regras de comportamento, componentes da cultura e do senso comum. Como atesta Braga (2017),

na grande variedade de episódios interacionais de que participamos ou que observamos cotidianamente, nos episódios que investigamos em nossas pesquisas, e ainda naqueles que são relatados em estudos empíricos, vemos a comunicação como um trabalho de compartilhamento entre diferenças. Os motivos, os objetivos e os procedimentos podem variar indefinidamente, mas o processo de compartilhamento aparece sempre como um modo de enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente as diferenças – para algum fim prático qualquer, para objetivos simbólicos ou distantes, ou ainda pelo simples jogo da interação. (BRAGA, 2017, p. 20)

As premissas das investigações em torno dos jogos das interações é, portanto, reconhecer a potência da diferença (se pensarmos nos aforismos de Derrida), das disputas (numa perspectiva a partir de Bourdieu) ou controvérsias (nas leituras de Latour). A diferença se torna

um interessante motor para que emergjam fenômenos analisáveis. Ouçamos o próprio Derrida:

Tudo no traçado da diferença é estratégico e aventureiro. Estratégico porque nenhuma verdade transcendente e presente fora do campo da escrita pode comandar teologicamente a totalidade do campo. Aventureiro porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que a estratégia orienta a tática a partir de um desígnio final, um telos ou um tema de uma dominação, de um controle ou de uma reapropriação última do movimento ou do campo. Se há uma certa errância no traçado da diferença, ela não segue mais a linha do discurso filosófico-lógico. (DERRIDA, 1991, p. 38)

O estratégico a que se refere Derrida pode ser relacionado aos modos de agir enquanto pareçam adequados e eficazes para as necessidades sociais. São modificados, reajustados ou substituídos sempre que, reformuladas as condições de contexto, se percebam menos eficazes. "A esses conjuntos de padrões incorporados – comunicacionalmente produzidos – chamamos de matrizes interacionais", anuncia José Luiz Braga. Noções de dispositivos interacionais e de circuitos sociais compõem um quadro de ampliação de possibilidades analíticas a partir do anunciado.

Interessante, na leitura da obra, é a incorporação da terminologia "heurística" dentro do campo da Comunicação. Trata-se do movimento de elaboração não de uma teoria geral da comunicação, mas sim como a busca de uma teoria intermediária, ou de médio alcance – voltada para um determinado subconjunto de aspectos do fenômeno geral "comunicação" – esperando gerar sentido e aprofundar a investigação sobre as situações em que as características aí articuladas sejam significativas, conforme define Braga. Essa perspectiva, segundo o autor, se justifica pela premissa de que a presença de um pequeno número de teorias intermediárias que se possam tensionar mutuamente parece ser a melhor tática para enfrentar a dispersão, sem restringir a diversidade. Ao pensar em campos que se propõem menores, com observações detidas, metonímicas, reivindica-se a potência do menor como edificante da coletividade e, mais uma vez, "**Matrizes Interacionais:** A comunicação constrói a sociedade" está falando de dois paradoxos: solidão e conjunção.

Os episódios observados debatem os movimentos entre todo e parte, pormenor e postulação, gerando de forma analítica e poética um próprio debate em torno da diversidade da Comunicação como área e de seus limites e potências a partir exatamente desta diversidade. Tem-se então uma discussão sobre a natureza da Comunicação, uma vez que na observação de episódios interacionais a serem analisados, os autores precisam definir o que estão chamando de “comunicação”: não só o processo bem-sucedido ou da obtenção de consenso, mas toda troca, articulação ou tensionamento entre grupos, indivíduos e setores sociais, sobretudo os processos desencontrados, conflituosos, com múltiplos interesses, marcados por casualidades que negociam com intenções. Se pensarmos numa vida em rede, em que a cultura do compartilhamento e das redes sociais centraliza experiências coletivas, os atos comunicacionais são produzidos inclusive no conflito, na opressão ou na manipulação, evocando a ideia de que a Comunicação parece ser o processo voltado para “reduzir o isolamento e para a ação conjunta entre humanos – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer – admitindo, exatamente porque tentativos, que o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis, geralmente de reduzida qualidade”, como define Braga.

As matrizes que aqui se colocam possuem alto espectro de atuação na observação de fenômenos, sobretudo na cultura digital. Se estamos vivemos um mundo profundamente autoconsciente e reflexivo (GIDDENS, 2002), obcecado por simulações e teatralizações em todos os âmbitos sociais, é preciso pensar sobre performances e enfrentar os problemas da visibilidade numa época em que, diante dos constantes acionamentos do corpo, via fotografias, *selfies*, aparições em *sites* de redes sociais, a metáfora da teatralidade se faz presente. Pensar a partir da ideia de performance significa romper com o binarismo das observações dos enunciados que não são simplesmente “falsos ou verdadeiros” mas sim em função de seu relacionamento com as circunstâncias variáveis da situação concreta. Assim, atesta Braga, para o estudo da Comunicação, sem desconhecer a presença e o acionamento de elementos codificados em toda interação, devem ser enfatizados os processos mais sutis e menos controláveis, não codificados, que necessariamente se põem em marcha para integrar e completar toda e qualquer comunicação, por mais codificada que esta seja. Este argumento que já estava presente em **“A Sociedade Enfrenta sua Mídia”** (2006) se refina ainda mais neste livro,

ao recusar divisões clássicas – “apocalípticos” e “integrados”, “mídia” e “sociedade” e, mais especificamente, “produção” e “recepção” – que não são suficientes para que se compreenda as relações midiáticas em sua totalidade.

Os destacamentos em torno da noção de dispositivo – revisitando Foucault – chamam atenção para forças que agem nos indivíduos em suas dinâmicas institucionais e presentificadas nas interações. Para Braga, no entanto, a noção de dispositivo precisa ser debatida em contraposição a “estrutura” em sentido estruturalista: modos de fazer socialmente produzidos e tornados disponíveis. O autor então nos provoca: “dispositivos de interação” seriam, na sua perspectiva, processos e modos de ação, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelas atividades específicas da experiência vivida e das práticas sociais.

Os protocolos de análise do livro “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**” segue a organicidade já presente em “**A Sociedade Enfrenta sua Mídia**”, em que Braga, na ocasião, definiu o sistema de respostas sociais, ou o “sistema de interação social sobre a mídia”. Através desse sistema bastante original, as análises comunicacionais deveriam ir além da produção e da recepção, sendo possível unificar essas estruturas, colocando-as em um patamar de importância e facilitando o estudo das articulações entre elas. Dessas interações, o pensamento crítico na sociedade emerge como resultado de um processo sempre difuso e complexo, no entanto, modulado pela circulação. O fluxo comunicacional gera novos episódios interacionais, diferenciados, aqueles que produzem leituras, objeções, debates, apropriações e desenvolvimentos em deriva. Um sistema de resposta social se desenvolve, repondo na sociedade (frequentemente através de processos midiáticos, mas também por ação direta) vozes que se posicionam e procuram agir comunicacionalmente – podendo, entre outras ações, exercer uma crítica da mídia. Eventualmente, estas ações retornam aos emissores originais, na continuidade de seu trabalho.

Nos artigos em que se empírico se projeta em busca de articulações com o teórico previamente apresentado, a variedade de objetos determina o amplo espectro da dimensão teórica. Os nove estudos empíricos tratam de vigilância e segredos de espionagem; um perfil no *Facebook*; minisséries históricas; um filme documentário de denúncia social; grupos

comunitários & TV; jornalistas que são notícia; os circuitos digitais que atravessam o jornalismo profissional; as manifestações de junho, 2013; práticas “psi” na mídia.

Na perspectiva da heurística, observa-se o caso empírico como oferta de processos concretos para o desenvolvimento dos aspectos comunicacionais que mostram aí seus indícios. Na perspectiva dos episódios estudados, a heurística tem a finalidade principal de funcionar como ângulo de observação para aprofundar uma percepção compreensiva (e não de reduzi-los por uma chave explicativa fechada). Isso significa que o episódio concreto sempre extrapola categorizações restritivas, devendo ser compreendido per se. (BRAGA et al; 2017, p. 11-12)

A interessante estrutura das relações entre teoria e empiria aparece num formato original desenvolvido na obra. O próprio Braga exercita um “sistema de resposta social” nos artigos analíticos apresentados, provocando novas inclinações em torno das postulações que foram previamente apresentadas. Numa das interessantes observações sobre um perfil da rede social *Facebook*, as matrizes interacionais analisadas reforçam que a circulação é um importante lugar para a deriva e para a visualização dos quadros mais amplos sobre sujeitos e ações. Ao comentar sobre a análise (num modelo que se assemelha às relatorias presentes em congressos e seminários), vemos como a capilarização comunicacional se instaura oferecendo possibilidades de leituras sobre esfera pública, espaços de vida prática, estimulação crítica e senso comum esclarecido, relevantes para a cidadania.

Os empirismos sempre se voltam para o teórico num movimento circular vivo entre pressupostos e observações, legando formulações potentes sobre sujeitos-em-ação comunicacional. As ideias contidas em “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**”, de alguma forma, lembram sistemas filosóficos que se constituem como uma “caixa de ferramentas” que mobiliza a atividade criativa por meio do conceito. Este procedimento era bastante utilizado por Gilles Deleuze de forma individual e mesmo aquilo que escreveu em parceria com o psicanalista Félix Guattari, na medida em que considerar o conceito como própria natureza do acontecimento e da experimentação implica observá-lo como algo mutável e atrelado à natureza das circunstâncias da própria criação conceitual. O conceito implica a própria natureza do devir, não é algo dado, pronto ou acabado, mas a solução a um problema posto ao

pensamento. Sobre isso, escreve Deleuze: “a única condição é que eles tenham uma necessidade, como também uma estranheza, e eles as têm na medida em que respondem a verdadeiros problemas”. (DELEUZE, 2000, p. 170).

Referências

BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes Interacionais:** a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande. Eduepb, 2017.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia:** dispositivos sociais da crítica midiática. São Paulo. Paulus, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** (1972-1990). Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: editora 34, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia.** Campinas: Papirus, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

